

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Contatos: saturnino.braga@uol.com.br

Artigo nº 175/2011

NOVO PARADIGMA

Passou o vendaval incendiário de Londres, mas o que foi aquilo?!

Não foi protesto assassino de um desvairado como em Oslo; não foi a manifestação contrária à política econômica que esmaga a vida do povo para defender o sistema financeiro, como no caso de Madrid e Atenas; como está acontecendo em Israel. Não foi grito de libertação de oprimidos por décadas de ditaduras corruptas saqueadoras, como nos países árabes. Foi diferente; foi mais como uma explosão de ira e rejeição a todo um modelo de economia e de sociedade consumista e despidoradamente injusto. E não foi só em Londres mas também em outras cidades importantes da Inglaterra. Por que na Inglaterra? Não sei, mas os ingleses sempre foram pioneiros na política e na economia: na democratização da monarquia, na revolução industrial, no desenvolvimento do capitalismo e do liberalismo, até na socialdemocracia. John Locke, Adam Smith e Stuart Mill viveram lá; os fabianos também; o próprio Marx escreveu lá o Capital. Precursores, sim. Estarão sendo outra vez?

Se assim for, para onde estão avançando como precursores? Essa mensagem não foi enviada, ou não ficou clara. O descontentamento, sim, a rejeição feroz, o inconformismo com o paradigma vigente, manifestação de mal-estar com a civilização consumista, mas ainda não a proposição de um novo rumo.

O olhar indagador e preocupado que descortina o mundo de hoje vê que, além da destruição irresponsável do planeta, há sintomas claros de uma mudança política mais profunda, mudança de paradigma de organização das sociedades. Vê, como o Presidente do Equador, Rafael Correa, que vivemos não simplesmente uma época de mudanças mas uma mudança de época.

E vê também, que a única parte do mundo, nessa época de mudança, que parece saber para onde está indo é a nossa América do Sul. Com diferenças específicas nos azimutes escolhidos, todos os países parecem rumar em direção a um farol muito distante que baliza o caminhar: o socialismo. A distância a percorrer é tão grande que seria impossível distinguir o rumo, não fosse a intensidade do brilho do farol.

O Continente parece estar mostrando ao mundo o novo paradigma e o caminho a ser trilhado, que não é o do assalto armado ao poder, preconizado e realizado no século passado, mas o da paciente e duradoura construção da hegemonia como queria Gramsci, isto é, o socialismo que não abandona a democracia nem por um momento para instalar a ditadura do proletariado, mas que aperfeiçoa e aprofunda essa democracia por etapas e vai realizando, pela política, através do voto popular, a implantação do novo paradigma.

O Brasil, que lidera o processo sulamericano, mostra com mais nitidez algumas peças componentes da nova proposta: a democracia mais participativa, a economia mista claramente assumida, o sistema financeiro politizado por um conjunto forte de bancos estatais, as políticas públicas planejadas para produzir gradativamente uma redução das desigualdades sociais estruturais. Um paradigma, enfim, que mostra uma presença mais forte do Estado, e por conseguinte da política, no funcionamento do mercado.

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Contatos: saturnino.braga@uol.com.br

Artigo nº 175/2011

São algumas peças, somente, não o conjunto completo do novo modelo, que certamente comportará uma imensa variedade de particularidades derivadas das próprias especificidades de cada país. Há, por exemplo, práticas inovadoras de mercado com economia solidária em funcionamento na Bolívia e no Equador (e possivelmente, agora, no Peru) que são típicas desses povos andinos e completamente desconhecidas do resto do mundo.

Enfim, parece que é mesmo uma mudança de época, caracterizada pela construção de um novo paradigma para cuja definição nós, brasileiros, estamos naturalmente convocados, e de certa forma preparados pelas nossas experiências importantes. Não podemos fugir a essa responsabilidade histórica; ao contrário, temos que dar nossa contribuição, ainda que sem perder a humildade do reconhecimento das nossas muitas fraquezas.